



DISCURSOS E SENTIDOS TRABALHADOS A PARTIR DA ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTO O SEGREDO DE JONAS

Jaqueline Slotuk¹
Luzia R. Chincoviaki²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão temática acerca do conto infanto-juvenil intitulado *O segredo de Jonas* da autora Jaqueline Slotuk. O estudo norteia-se pela teoria da Análise do Discurso de Pêcheux, vertente francesa e Orlandi, precursora da AD no Brasil, enfatizando alguns pressupostos como: sujeito autor/leitor, ideologia, discurso, formação ideológica e condições de produção. Através da leitura do conto proposto a alunos do nono ano do Ensino Fundamental da rede Estadual, será constituído um breve estudo relacionando à valorização do aluno como um sujeito possuidor de história e linguagem, em que o discurso se faz presente no sujeito e o sujeito se faz presente na sua ideologia. Outro foco de discussão é o processo de autoria em que se insere um sujeito-autor possuidor de seu discurso, que o materializa em forma de texto, proporcionando ao leitor a geração de novos sentidos a partir da obra materializada.

Palavras-chave: Discurso. Sujeito autor/leitor. Ideologia. Leitura.

DISCOURSES AND SENSES WORKED FROM SPEECH ANALYSIS IN THE CONTO OF JONAS SECRET

Abstract: This article has the goal to propose a thematic reflection on the juvenile story called *The Jonas secret* of author Jaqueline Slotuk. The study will be guided by the theory of Analysis of Pêcheux speech, French part and Orlandi, AD precursor in Brazil, emphasizing some assumptions as: subject author / reader, ideology, discourse, ideological formation and production conditions. By reading the tale proposal to the ninth year of elementary school students from the state school system, a short study will be made relating to the valuation of the student s a subject able of history and language, in which the speech is present in the issue and the theme is present in their ideology. Another focus of discussion is the authoring process in which it operates a subject-author possessor of his speech, which materialized in the form of text, providing the reader with the generation of new meanings from the materialized work.

¹ Graduada em Letras Português e Inglês pela Faculdade Santa Amélia - SECAL e Pós-graduanda do Curso de Especialização em Docência no Ensino Superior pela faculdade Unicesumar. jak_slotuk@hotmail.com

² Professora Mestre pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. luziachincoviaki2016@gmail.com



Keywords: Speech. Issue author / reader. Ideology. Reading.

Sumário: 1. Introdução – 2. Constituição de sentidos – 3. Leitura na sala de aula – 4. Focando a análise: 4.1 Análise metodológica dos questionários; 4.2 Corpus da pesquisa; 4.3 Sujeito-leitor e sujeito-autor – 5. Considerações finais – 6. Referências.

1 INTRODUÇÃO

Como embasamento teórico para o estudo adotar-se-á a vertente francesa de Análise do Discurso, iniciada por Michel Pêcheux em fins da década de 60, que se constitui no âmbito intelectual do estruturalismo, tendo como marco inaugural a publicação de *Análise Automática do Discurso* (AAD) em 1969 de sua autoria, um texto elaborado após releituras de textos anteriores escritos por ele e releituras de teóricos da Linguística, do Materialismo histórico e da Psicanálise. Assim como, o lançamento da revista *Langages*, organizada por Jean Dubois.

A AAD surgiu com a intenção de resgatar o sujeito, até então descartado, em que a questão fundamental é a ligação da estrutura com a história, do ser com o sujeito, da língua com a fala, assim como se indaga a interpretação, e esse sujeito será encontrado parte na Psicanálise e parte no Materialismo histórico, o sujeito assujeitado constituído pela linguagem e interpelado pela ideologia. Sobre isso HENRY (apud FERREIRA) afirma: “o sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”.³

Através da Análise do Discurso é que se torna possível a sustentação teórica e instrumental de análise, que permite a compreensão dos atos de interpretação aí incluídos e as formas das lutas ideológicas, que se constituem em determinadas formas e limites do discurso, sendo que, é no movimento contraditório de paráfrase e da polissemia com o eixo, que se estrutura a funcionalidade da linguagem.

³ FERREIRA, M. C. Leandro(orgs). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2007, p.188.



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS

Para Orlandi “o objeto de estudo da Análise do Discurso é o da língua em funcionamento para a produção de sentidos, permitindo analisar as unidades além da frase, ou seja, o texto”.⁴

Pêcheux, diante a tais propostas aceita a existência da liberdade combinatória, sendo que esta estaria situada na língua e não no sujeito, o sujeito se encontraria em outras problemáticas. Após estudos realizados por ele surge a ideia de que em contrariedade com a língua estaria o discurso.

É possível encontrar muitas definições para discurso, pois muitos são os teóricos que o utilizam como fonte de estudo, sendo que podem apresentar noções distintas e esta concepção pode remeter a significados bastante diferentes, porém para AD o discurso é compreendido como um dos fatores da materialidade ideológica, ou seja, as formações ideológicas abrangem uma ou várias formações discursivas que interligam e determinam o que pode ou não ser dito, relacionando uma prática discursiva às posições que o sujeito assume em seu discurso.

Para Maingueneau discurso é “uma dispersão de. os cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”.⁵ Para ele o sujeito é um espaço tomado por discursos e a língua um processo histórico com seus significados.

Foucault (2000, p.96) Afirma que “o discurso é uma prática que constitui o objeto e a análise não desvenda a universalidade do sentido, mas a rarefação da produção de sentido no interior da sociedade”.

O discurso pode ser definido como prática da linguagem, palavra em movimento, em que no estudo deste observa-se o homem falando, considerando a sua análise um processo de identificação de sujeitos, em que tomam forma os questionamentos acerca da subjetivação, da construção do que é real, onde se dá a revelação e a determinação dos sentidos ideologicamente. Assim, o discurso é uma dupla dispersão em que: de um lado está o entrecruzamento de muitos dizeres, e de outro, as muitas posições que o sujeito pode ocupar.

⁴ ORLANDI, E. P **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 6 ed. Campinas- SP: Pontes. 2005.

⁵ MELO, I. F. de. Análise do Discurso e Análise Crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Revista eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, Ano 05, nº 11- 2º semestre de 2009, p. 15.



Trata-se da língua transformando-se em sentido e este estudo faz compreender porque o homem passa a ser um ser tão especial capaz de significar e significar-se. Referindo-se a Análise do Discurso Orlandi afirma:

A Análise de Discurso concebe a linguagem com mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.⁶

Para se tornar possível a explicação deste processo de produção do discurso, foi proposto por Michel Pêcheux o conceito de condições de produção, no qual ele defende a ideia de que o discurso do interlocutor, se remete a outro discurso pelo ouvinte, elaborando-se sobre ele as suas estratégias do discurso. Sobre isso, Pêcheux declara que:

os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento mas com a condição de acrescentar imediatamente que este funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo e que podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos “condições de produção” do discurso.⁷

As condições de produção da linguagem estão compreendidas no sujeito e na situação, a memória também integra a produção do discurso, pois considera-se a produção de sentidos algo individual formada ao longo da vivência de cada ser humano, considerando o homem na sua história, relacionando a linguagem a sua exterioridade, incluindo o contexto-histórico e ideológico como explica ORLANDI (2005, p.30). As palavras significam pela história e pela língua, pois existe a relação entre o já dito e o que se está dizendo, é o que se resume entre a construção do sentido e sua formulação.

2 CONSTITUIÇÃO DE SENTIDOS

⁶ ORLANDI, E. P **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed. Campinas- SP: Pontes . 2005.

⁷ PÊCHEUX, op.cit., p.78, apud INDURSKI e FERREIRA.



Considerando as condições de produção de cada indivíduo, é possível compreender a possibilidade de diferentes leituras de um determinado texto, sendo que, a compreensão de um texto não se garante apenas com o conhecimento da língua, mas sim através da atribuição de sentidos. Em outras palavras, para Possenti a leitura é considerada como a leitura de um texto enquanto discurso, na medida em que é referido a suas condições institucionais de produção.⁸

Para Possenti “a AD não poderia aceitar as leituras individuais (as que cada um faria como quisesse”⁹ pois ela acredita que há grupos de sujeitos “(situados em determinada posição) que leem como leem porque têm a história que têm” e não existem desta forma sujeitos individuais que leiam “como querem”, considerando o sujeito como efeito da história e da linguagem, sendo que os sentidos que são atribuídos pelo leitor aos textos são provenientes de outros textos que de certa forma são transformados em sentidos.

Em oposição à AD está a Pragmática que defende a teoria de que o sentido tem origem a partir das intenções do sujeito, sendo que é o sujeito que controla suas regras, que define sua consciência, seu saber, o que lhe permitiria controlar o sentido, conforme explica Possenti Como o objeto de estudo deste artigo está focado na Análise do Discurso, não será necessário maiores detalhes quanto à teoria da Pragmática, sendo esta citada apenas como comparação relacionada à leitura subjetiva.

A AD defende a concepção de que a linguagem não deve levar em consideração apenas os aspectos gramaticais, mas incluir os aspectos ideológicos e sociais que se manifestam através dos discursos e é neste processamento da linguagem que se deparam sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, mediante isto, está um complexo processo de constituição destes sujeitos e produção de sentidos e não apenas transmissão de informação.

Sobre isso, Brandão enfatiza que esses sujeitos são

[...] seres situados num tempo histórico, num espaço geográfico; pertencem a uma comunidade, a um grupo e por isso carregam crenças, valores sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte.

⁸ POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 17.

⁹ Idem, p. 19.



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS

Essas crenças, ideologias são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos. É por isso que dizemos que não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem. Às vezes, esses sentidos são produzidos de forma explícita, mas na maioria das vezes não. [...] Fica por conta do interlocutor o trabalho de construir, buscar os sentidos implícitos, subentendidos.¹⁰

Referente ainda à construção de sentidos, entende-se que a leitura é um processo fundamental nesta concepção, sendo que o trabalho com esta prática é retratado a partir de suas posições ideológicas. Se um texto permite realizar muitas leituras, significa que este tem muitos sentidos, que foram atribuídos ao leitor através de outros textos. Sobre o processo de leitura Orlandi afirma que:

a leitura é o momento de constituição de um texto, é o momento que privilegia o processo de interação verbal, uma vez que é nele que desencadeia o processo de significação. Compreende-se então que não se pode trabalhar a leitura limitando-a a um reducionismo linguístico.¹¹

Para compreender o processo de atribuição de sentidos é necessário saber que, o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se insere em uma formação discursiva que representa a formação ideológica, tudo o que dizemos possui traços ideológicos que se relacionam com outros traços ideológicos.

Diante do processo de construção de sentidos Orlandi afirma que:

O sentido é assim uma ação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua [...] ¹²

Para que a língua produza seu sentido, se faz necessário que a história intervenha pelo processo de significação, resultando na interpretação de suas condições distribuídas na formação social e garantida pela memória.

¹⁰ BRANDÃO, 2005, p. 2-3, apud FONTANINI.

¹¹ ORLANDI 2001, p. 37, apud FONTANINI.

¹² ORLANDI 2001, p. 38, apud FONTANINI.



3 LEITURA NA SALA DE AULA

Seguindo como referência de análise as teorias estudadas até aqui, é importante ressaltar que outro ponto relevante deste estudo, implica em compreender o processo de construção de sentidos através da leitura realizada por sujeitos na sala de aula, considerando os sentidos já internalizados pelos alunos antes de iniciarem a atividade escolar, adquiridos através da troca de experiências no grupo social em que vivem, sentidos estes que são fundamentais para o desenvolvimento de sentidos futuros a partir de leituras propostas.

Sabe-se que a linguagem é o grande elo entre a troca de experiências e aquisição de sentidos, sendo que ela tem entre suas funções a representação do mundo e a transmissão de informações, o que possibilita a interação entre os membros de uma sociedade, porém para que se atinjam todos os indivíduos de uma sociedade se fez necessária a produção de diferentes textos, sendo que inúmeras são as possibilidades de construção textual em função das intenções da interação falante/ouvinte.

Sobre isso Bakhtin afirma:

A riqueza e a variedade de gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.¹³

Esta variedade de gêneros textuais que veiculam em diferentes suportes, além de produzir uma diversidade de gêneros do discurso, pode causar um estranhamento ao aluno, sendo que mesmo este possuindo uma percepção das características dos diferentes gêneros e das situações comunicativas que o envolve sendo um usuário da língua, ainda não possui um conhecimento formalizado. Neste sentido, a escola desempenha um papel de grande importância, sendo uma competência docente a apresentação destes diferentes gêneros textuais ao aluno, desenvolvendo no educando capacidades que o façam reconhecer que a pluralidade

¹³ BAKHTIN 1997, p. 279 apud PAULIUKONIS e SANTOS.



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



de discursos ajuda no desenvolvimento de sua autoestima e uma inserção social mais produtiva, possibilitando formular seu próprio discurso e inseri-lo na sociedade em que vive.

O aperfeiçoamento da competência linguística do educando se dará através da prática da oralidade, da leitura e da escrita na sala de aula, em que neste conjunto de saberes a leitura tornar-se-á destaque neste artigo, pois é sabido que a leitura permite a aquisição do discurso que, posteriormente, será escrito ou praticado oralmente, ou seja, contribui de maneira significativa para a formação discursiva. Conforme é descrito nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica,

compreende-se a leitura como um ato dialógico, interlocutivo, que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento. Ao ler, o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim, as várias vozes que o constituem.¹⁴

Através da leitura o aluno compreende as unidades de sentido que se materializam em forma de texto, que também pode ser considerado como um tecido estruturado, seja oral ou escrito. Sendo que um texto não exige uma forma específica para ser um texto, pois o que terá importância será sua unidade funcional. Segundo MARCUSCHI “o que faz um texto ser um texto é a discursividade, inteligibilidade e articulação que ele põe em andamento”.¹⁵

4 FOCANDO A ANÁLISE

O texto só se faz texto quando adquire sentidos, sendo ele uma realização linguística, um evento comunicativo que só se completa com a participação de seu leitor/ouvinte.

Sentidos estes que serão analisados especificamente no conto ‘O segredo de Jonas’, um conto de literatura infanto-juvenil escrito por Jaqueline Slotuk. O conto citado foi premiado no Concurso de Literatura infanto-juvenil na cidade de Ponta

¹⁴ PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa**, 2008, p.56.

¹⁵ MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p 89.



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS

Grossa no ano de 2012, na categoria III a qual é proposta para leitores fluentes e críticos de 11 a 13 anos.

A temática do conto sugere um retorno a questionamentos antigos, em que o leitor será levado a refletir sobre a existência de vida em outro planeta. Jonas, o protagonista é um menino que se interessava muito pelo assunto, pesquisava em revistas, lia livros sobre o sistema solar, sua matéria preferida na escola era Geografia e em casa sempre ficava imaginando os seres de outro planeta.

Certo dia, quando voltava da escola, percebeu que os adultos conversavam sobre uma nave espacial que viram pela manhã. O menino sem acreditar volta para casa correndo com a esperança de encontrar repostas em seus materiais de estudo, mas logo se depara com uma nave na janela de seu quarto e quando percebe está dentro dela. Jonas ao perceber onde está, fica sem ação, assustado por encontrar criaturas enormes, com cabelos longos, tenta fugir e vai parar na sala de comandos.

A sala enorme com muitos botões é admirada pelo menino, no centro está o comandante sentado, ele parece amigável, porém o menino com medo se desespera, tenta fugir e quando um dos seres toca o seu braço todos desaparecem e ele ouve uma voz lhe chamando, esta voz era a de sua mãe chamando-o para fazer o dever de casa. Neste momento do conto, o leitor é induzido a acreditar que tudo foi um sonho, porém nas páginas seguintes a autora lança a dúvida.

Jonas avista um homem muito parecido com o comandante em frente a sua casa. Os dois trocam olhares parecendo já se conhecerem, o homem misterioso entra no armazém e não sai mais de lá o que aumenta a desconfiança, podendo causar um questionamento ao leitor, não seria o armazém seu esconderijo? Mas o menino não procurou saber a identidade do homem, apenas resolveu escrever tudo em seu caderno inclusive o que havia acontecido na noite anterior. Ele preferiu guardar o seu segredo, pois queria acreditar que tudo havia acontecido de verdade.

O conto 'O segredo de Jonas' certamente carrega traços ideológicos da autora, assim como outras obras literárias de outros autores, sendo que não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia, como já vimos neste artigo. A prática da escrita nos remete a inúmeras reflexões de mundo e de vivências, em que o que está sendo escrito já foi dito, de maneiras diferentes, em determinada época e com determinadas palavras, mas o que está sendo dito pode despertar sentidos até



então adormecidos, pois autor e escritor diferenciam-se pela maneira que provocam estes sentidos no leitor, em que o escritor é definido como o indivíduo que escreve, já o autor encontra-se revestido de diferentes traços da história. Sobre isso Possenti enfatiza:

Só há autor onde há obra que possa consistentemente ser a ele associada. Com aparente circularidade, é a noção de autor que, entre outros aspectos, permite que se fale de uma obra, especialmente em decorrência de determinada propriedade que as obras teriam, a de se caracterizarem por uma relativa unidade. Ora é exatamente a figura do autor que confere essa unidade a uma obra. Mas fique claro que, para Foucault, a noção de autor é discursiva (isto é, o autor é de alguma forma construído a partir de um conjunto de textos ligados a seu nome, considerando um conjunto de critérios [...])¹⁶

Neste sentido, ao terminar o conto, a autora deixa intencionalmente um final incerto, para provocar diferentes questionamentos ao leitor, sendo que para haver um final concreto será necessário a produção de sentidos atribuída após a leitura e estes sentidos se internalizarão no sujeito leitor, pois de acordo com as teorias de AD estudadas até aqui, todo discurso se faz através do sujeito, sua ideologia e sua linguagem. Considerando todo final aceitável por se tratar de um conto fantástico.

4.1 ANÁLISE METODOLÓGICA DOS QUESTIONÁRIOS

Com o intuito de coletar dados para a pesquisa foram elaborados dois questionários, ambos com seis perguntas, para serem aplicados aos alunos. As questões são referentes à importância da leitura, (extraterrestres) e perguntas específicas sobre o conto *O segredo de Jonas* escrito por Jaqueline Slotuk. Através de pesquisas envolvendo leitura de livros direcionados ao tema, visualização de vídeos, filmes e documentários, foi possível elaborar dois planos de aula para o desenvolvimento das atividades. As aulas foram aplicadas em três colégios da rede

¹⁶ POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 105.



Estadual de ensino, em quatro nonos anos totalizando a participação de quatro professores e oitenta e dois alunos.

A primeira aula iniciou-se com um vídeo motivacional ressaltando a importância e os benefícios que a leitura proporciona na vida das pessoas. Após o vídeo, os alunos compartilharam suas experiências de leitura. Em seguida, o segundo tema foi apresentado em forma de pergunta “Quem acredita em vida em outro planeta?” após discutir um pouco sobre o assunto, foi apresentado um vídeo com imagens de extraterrestres divulgado pela mídia. O vídeo causou um certo espanto e curiosidade em alguns alunos o que gerou muitas dúvidas. Logo após responder aos questionamentos verbais foi aplicado um questionário com seis perguntas subjetivas sobre vida em outro planeta.

A segunda aula iniciou com a apresentação do conto *O segredo de Jonas*, contando o processo de criação e sua publicação. Em seguida foi distribuído um livro para cada aluno e orientado quanto a leitura silenciosa deste conto. Em uma das turmas a leitura silenciosa não surtiu efeito positivo, sendo necessária a leitura coletiva na sala. Após a leitura, todos os livros foram recolhidos e, na sequência, distribuído o questionário com cinco perguntas subjetivas referentes ao conto e uma objetiva sobre a escolha dos livros que o aluno lê. Após coletar os questionários preenchidos foi possível responder às perguntas realizadas pelos alunos e também pelos professores.

Os docentes também participaram de forma colaborativa respondendo a um questionário com nove perguntas subjetivas, relacionadas ao processo de ensino aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa, principalmente, quanto ao desenvolvimento e interesse dos alunos pela leitura.

4.2 CORPUS DA PESQUISA

O Colégio A foi o primeiro a receber a atividade. A sala estava composta por vinte e sete alunos que aceitaram realizar as atividades propostas, participando proveitosamente dos questionamentos verbais e escritos. Foi possível perceber o interesse dos alunos pelo tema abordado, através de expressões faciais e também pelas contribuições orais de causos populares a respeito de extraterrestres. A



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS

experiência possibilitou analisar que, em localidades do interior o assunto de vida em outro planeta se relaciona de maneira direta com as credices populares, pois foram citadas durante a aula aparições de seres estranhos principalmente a noite em lugares não muito povoados. Os alunos contaram que ouviam e alguns ainda ouvem estas histórias de seus pais e avós que dizem ter visualizado tais imagens como, uma grande bola de fogo no céu, quando ainda crianças. Os adolescentes ainda dizem não acreditar totalmente na existência destes seres, mas também não desacreditam. Neste sentido é possível verificar que as concepções de expressão do pensamento, forma de comunicação e forma de interação, convivem no espaço escolar tornando frequente a interpelação dos professores e alunos por essas formações discursivas representadas na linguagem. Sobre isso ORLANDI afirma:

[...] todo falante e todo ouvinte ocupa um lugar na sociedade, e isso faz parte da significação. Os mecanismos de qualquer formação social têm regras de projeção que estabelecem as relações entre as situações concretas e as representações (posições) dessas situações no interior do discurso: são as formações imaginárias. O lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, é constitutivo de significações. Tecnicamente, é o que se chama relação de forças no discurso. ()¹⁷

Estas representações discursivas também estiveram presentes nos demais colégios, porém com o enfoque voltado para naves espaciais em representações cinematográficas, fato que pode ser justificado devido as duas escolas B e C estarem situadas na área urbana diferente da escola A que situa-se na área rural.

As atividades no Colégio B foram realizadas em duas turmas. A primeira turma estava composta por vinte e um alunos que realizaram a atividade de maneira satisfatória. Na segunda turma, estavam presentes dezessete alunos. Nesta, foi possível perceber a influência positiva da professora quanto ao incentivo da leitura, pois os alunos tiveram grande participação no momento de compartilhar as leituras realizadas, citaram obras lidas, autores que se identificam e ainda o que pretendem ler. Concluíram as atividades com êxito e realizaram perguntas referentes ao tema.

¹⁷ ORLANDI 2001, p. 18 apud FONTANIN.



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS

Através do desenvolvimento destas atividades foi possível perceber, que o fato de haver maior ou menor participação dos alunos nas aulas, relaciona-se diretamente com a posição do professor como mediador no incentivo a leitura, sendo que, este torna-se de certa forma um dos responsáveis pelo desenvolvimento da prática de leitura do aluno, como é citado nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica:

Trata-se de propiciar o desenvolvimento de uma atitude crítica que leva o aluno a perceber o sujeito presente nos textos e, ainda, tomar uma atitude responsiva diante deles. Sob este ponto de vista, o professor precisa atuar como mediador, provocando os alunos a realizarem leituras significativas. Assim, o professor deve dar condições para que o aluno atribua sentidos a sua leitura, visando a um sujeito crítico e atuante nas práticas de letramento da sociedade.¹⁸

Os alunos necessitam de um incentivo para adquirir o gosto pela leitura e este cabe ao professor, que possibilita a produção dos discursos, nos quais o aluno se constitui como sujeito do processo de interação. No último Colégio a receber a atividade esse processo de interação se deu de maneira menos produtiva, estavam presentes dezessete alunos na sala, destes alguns demonstraram pouco interesse quanto a prática de leitura.

Através do questionário proposto aos professores, foi possível identificar a valorização do trabalho com leitura nas aulas de Língua Portuguesa, em que estes citam a forma em que são feitos estes trabalhos, ou seja, dedicando uma aula semanal para o desenvolvimento da leitura na sala de aula, sugerindo as obras e permitindo a liberdade de escolha dos livros para ler, os educandos também são incentivados a fazer empréstimos na biblioteca que fica aberta a semana toda. Alguns professores relatam a ausência de obras na biblioteca procuradas pelos alunos o que causa uma certa decepção entre os educandos, mas na falta de uma obra é sugerida outra, ou ainda alguns alunos adquirem os livros e são motivados a emprestarem entre si, tornando possível a discussão em torno da obra. Nesta faixa

¹⁸ PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica- Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008, p 71.



etária a temática mais procurada pelos alunos são aventuras, suspense, histórias que envolvem conflitos de relacionamento e mistérios, poucos gostam de poesia.

Os gêneros textuais também são trabalhados nas aulas, como uma forma de expandir o conhecimento do aluno, para que ele possa diferenciar as variedades de textos existentes, como diz o Prof. B “Entendemos que só é possível trabalhar com Língua Portuguesa se possibilitarmos as diversas leituras através de diversos gêneros buscando a intertextualidade, ou seja, o diálogo possível entre texto.” Com isso o aluno aprende a melhorar o vocabulário e utilizar a escrita correta exigida em cada diferente gênero textual.

Como valorização dos diferentes gêneros é realizado em algumas escolas, nas aulas de Língua Portuguesa, o trabalho comparativo entre uma obra e um filme como relata o Prof. A, citando como exemplo uma atividade realizada este ano com o conto “Venha ver o por de sol” de Lygia F. Telles, “os alunos leram o conto, depois assistiram a um pequeno vídeo e foi feita uma análise comparativa entre esses gêneros textuais”. Este tipo de metodologia possibilita ao aluno compreender a diferença entre uma obra escrita e uma produção fílmica, sendo que a primeira possibilita a criação das características dos personagens e o cenário de acordo com sua construção cognitiva e a segunda por ser uma obra visual e auditiva munida de muitos recursos e efeitos especiais, apresenta um conteúdo pronto além de transmitir a visão de um único leitor, ou seja, o diretor do filme. Sobre a construção cognitiva do aluno as Diretrizes curriculares da educação Básica afirmam que:

[...] é necessário ampliar o conceito de texto, o qual envolve não apenas a formalização do discurso verbal ou não-verbal, mas o evento que abrange o *antes*, isto é, as condições de produção e elaboração; e o *depois*, ou seja, a leitura e a resposta ativa. Todo texto é, assim, articulação de discursos, vozes que se materializam, ato humano, é linguagem em uso efetivo. O texto ocorre em interação e, por isso mesmo não é compreendido apenas em seus limites formais.¹⁹

¹⁹ Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica- Língua Portuguesa**. Curitiba, SEED, 2008, p 751.



Os professores também relataram sobre as experiências positivas com o trabalho a partir da leitura de obras literárias, sendo que um dos professores enfatizou uma análise realizada com os alunos do Ensino Médio a partir da obra de Machado de Assis, em que foram trabalhados alguns contos como ele cita: Prof. B “Os alunos fizeram apresentações em desenhos, cartazes, textos e poesias até dramatizações e vídeos”. Outro professor cita a experiência de ter trabalhado o gênero crônica em uma determinada turma que possibilitou a reflexão de muitos fatores sociais através da literatura.

No questionário, os docentes relataram qual abordagem pedagógica realizariam com os alunos a partir da leitura do conto: *O segredo de Jonas*, as respostas foram distintas, sendo que, o professor A ressaltou a importância de refletir sobre a existência de vida fora do sistema solar e complementou dizendo: “Também faria com que eles (os alunos) percebessem que a leitura de uma obra também pode nos levar aos mais distintos mundos”. A professora B abordaria a importância de se ter um segredo, realizaria a leitura oral ou silenciosa do livro e iria propor a produção de desenhos e textos narrativos ou dissertativos (de acordo com a faixa etária). A professora C trabalharia a relação dos sentimentos como, o medo, coragem, também a valorização dos entes próximos e da imaginação. A professora D Incentivaria os educandos a refletirem quanto à existência de extraterrestres.

Outro tema abordado foi quanto às dificuldades encontradas com relação à leitura na escola, apesar dos docentes se esforçarem para demonstrar a importância desta prática, muitos alunos referem-se a leitura como algo chato e entediante, fato que ocorre em virtude do grande número de atrativos em casa e na rua. A internet se tornou uma grande vilã por oferecer infinitos conteúdos e redes sociais, os celulares também contribuem de forma negativa pois, possuem inúmeros aplicativos que detêm a atenção dos alunos. O papel da família também influencia o aluno no gosto pela leitura.

Com esta experiência constatou-se que o ensino da prática de leitura exige um professor que além de posicionar-se como um leitor assíduo, crítico e competente, entenda a complexidade do ato de ler e transmita esta visão para seus



alunos, despertando no educando o interesse pela busca de informações e conhecimentos distintos através da leitura de variados gêneros textuais.

4.3 SUJEITO – LEITOR E SUJEITO – AUTOR

Analisando as quatro turmas que realizaram a leitura do conto, *O segredo de Jonas*, que trata de um assunto curioso e que seu tema ainda causa discussões na mídia, devido as incertezas quanto a existência de seres em outros planetas, foi possível verificar que cada aluno possui uma ideologia, uma história e um posicionamento como sujeito-leitor, que o permite visualizar o conto de uma maneira diferente, sendo que, alguns consideraram o livro como algo verídico valorizando a presença de Jonas dentro da nave espacial, outros preferiram aceitar que Jonas teve apenas um sonho.

Alguns leitores relataram a identificação com o personagem Jonas quanto a curiosidade pelo assunto, fato que os motiva a realizarem pesquisas direcionadas em especial a busca por filmes de extraterrestres. De maneira geral este conto possibilitou a reflexão dos leitores quanto a existência de vida em outro planeta, assunto que gerou muitos questionamentos após sua leitura. Neste sentido foi muito importante a participação dos professores que contribuíram com o relato das experiências de leituras e também de obras cinematográficas sobre o assunto.

Por se tratar de uma obra literária é possível discutir sobre a sua função psicológica a qual permite ao leitor a fuga da realidade, mergulhando num mundo de fantasias que possibilita momentos de reflexão e identificação, sendo que a literatura faz parte da formação do sujeito, atuando como instrumento de educação, ao retratar realidades não reveladas pela ideologia dominante, é a representação social e humana.

Analisando a temática sobre o olhar da autora, é possível perceber que a obra possui traços de suas experiências individuais, pois o assunto de vida em outro planeta esteve presente na sua adolescência, recebendo grande influência de seu pai na observação de estrelas e satélites no período noturno a procura de naves espaciais.



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



Sua história representou grande importância nesta produção literária, possibilitando a materialização de sentidos através de seu discurso, pois foi através destas vivências que surgiram hipóteses e questionamentos quanto a real existência de outros seres e a presença de naves espaciais, estes fatos despertaram seu interesse, possibilitando algumas pesquisas sobre o assunto, o que gerou a produção deste conto infanto-juvenil representando seus traços ideológicos, o qual tem como intencionalidade a reflexão a cerca de assuntos sobrenaturais e fantásticos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com este estudo que uma produção literária pode gerar inúmeras leituras no sujeito-leitor, sendo que este pode até mesmo ler o que o texto nem diz, pois cada indivíduo possui uma ideologia e uma história e que quanto maior sua prática de leitura, maior será a construção de suas condições de produção que se farão presentes no sentido deste texto. Quanto ao sujeito-autor, é fundamental a maneira pela qual ele insere seu discurso no texto, transmitindo sua intencionalidade nas entrelinhas o que é capaz de atribuir novos sentidos ao leitor.

O sujeito-autor descobre sentidos ocultos em sua própria obra quando deixa de ser autor para ser sujeito-leitor de seu próprio texto, pois de acordo com o estudo realizado o discurso se dá através da língua em funcionamento para a produção de sentidos e sua análise não desvenda a universalidade do sentido, sendo que o autor pode surpreender-se com seu próprio texto, quando passa a analisá-lo com olhar crítico, pois o sentido não está no texto mas se constrói a partir dele.

Compreende-se também que toda leitura realizada em um determinado momento passa a despertar diferentes sentidos quando realizada em outro período pela segunda ou terceira vez, pois a aquisição de sentidos é algo constante e incapaz de ser considerada acabada, sendo que o discurso é uma dupla dispersão em que, de um lado está o entrecruzamento de vários dizeres, e de outro, as várias posições que o sujeito pode ocupar.

6. Referências



FERREIRA, Maria C. Leandro. **O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/letras/article/viewFile/11896/7318>> Acesso: 11 set. 2014.

FONTANINI, Afife Maria dos Santos Mendes. **Discurso e Leitura: A prática discursiva da leitura na sala de apoio à aprendizagem de Língua portuguesa.** UEL-PR. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Discurso/49113585.html>> Acesso em: 7 set. 2014.

INDURSKI, Freda. FERREIRA, Maria C. Leandro (Orgs). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar.** São Carlos: Claraluz, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: Desdobramentos e Intersecções. Letra Magna. **Revista eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura.** Ano 05 n.11 - 2º semestre de 2009. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/adeacd.pdf>> Acesso em: 30 set. 2014.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise do discurso: Princípios e Procedimentos.** 6. ed. Campinas – SP: Pontes, 2005.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica- Língua Portuguesa.** Curitiba: SEED, 2008.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. SANTOS, Leonor Werneck (Orgs). **Estratégias de Leitura: Texto e Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

PINTO, Joseane S. PINTO, Rosecler S. A Análise do Discurso Aplicada na Música 'Até quando?' de Gabriel o Pensador. **Revista Eventos Pedagógicos** v.3. Abril 2012.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SLOTUK, Jaqueline. **O segredo de Jonas.** Ilustrações Andy Pie. v.5, 1.ed. Ponta Grossa: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012.